

Em Tese

TODOS OS MONUMENTOS DEVEM CAIR #CHARLOTTESVILLE¹, POR NICHOLAS MIRZOEFF All Monuments must fall #Charlottesville, by Nicholas Mirzoeff

Ricardo Pinheiro de Almeida

Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Brasil

ricardo.pinheiro.almeida@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5347-4547> 


Leopoldo Guilherme Pio


Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor Adjunto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Brasil

leopoldo.pio@unirio.br

<https://orcid.org/0000-0002-6778-4992> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

¹ Texto original em inglês, publicado em agosto de 2021, na edição n. 37, da revista *The Funambulist: Against Genocide* [Nota do Tradutor: “O Funâmbulo: Contra o Genocídio”]. Disponível em: <https://thefunambulist.net/magazine/against-genocide/all-the-monuments-must-fall-charlottesville>.

Mais do que uma prática estética, os monumentos públicos dos supremacistas brancos expressam e reinscrevem os valores da hegemonia racial. Nicholas Mirzoeff examina algumas das implicações culturais, políticas e espaciais em torno da construção e da remoção dessas estátuas.

Figura 1 – Monumento equestre de Shrady e Lentelli do General Confederado Robert E. Lee e seu cavalo “Viajante”



Fonte: Foto de Cville Dog (2006)

Notas: A estátua foi removida pela cidade de Charlottesville, em 10 de julho de 2021.

Em 8 de agosto de 2017, depois que a ação do movimento Black Youth Project 100² em Durham, na Carolina do Norte (EUA), derrubou a estátua de bronze chamada *Silent Sam* (Sam Silencioso), em homenagem a um soldado confederado, eu publiquei uma postagem em meu blog, usando o lema “Todos os monumentos devem cair”. Ela catalisou um diálogo que resultou num programa colaborativo *online* sobre monumentos, com o mesmo nome. O coletivo revisitou o projeto em 2020, quando estátuas realmente caíam por toda parte. No final de 2020, o curador e teórico Paul B. Preciado se juntou a nós quando escreveu na revista *Artforum* que “todas as estátuas devem cair”. Em 2021, o jornalista do

² BYP 100 ou Black Youth Project 100 (Projeto Juventude Negra 100) é uma organização nos EUA de jovens ativistas que buscam promover a justiça e a liberdade para todas as pessoas negras. [N. T.]

Guardian, que se tornou professor, Gary Younge, concordou e declarou que “todas as estátuas deveriam cair”. Claro, todas elas ainda não caíram. Mas a maré mudou.

*

No rescaldo do terrorismo da supremacia branca em Charlottesville, todos os monumentos têm que cair mesmo. O assassinato de Heather Heyer³ foi motivado pela proposta de remoção de uma estátua de Robert E. Lee. Essas estátuas são nós materiais na rede da supremacia branca. Elas são uma forma visível da ordem estabelecida de hierarquia racial. Não mais “invisíveis”, elas são ativas e violentas por si mesmas. O trabalho de descolonização foi contornado e agora regressou como desforra. Seguindo o exemplo da África do Sul, elas devem agora cair. Quando escrevi este *post* pela primeira vez no domingo, 13 de agosto, foi com esperança. Naquela segunda-feira, 14 de agosto, as pessoas em Durham, na Carolina do Norte, chegaram às mesmas conclusões (totalmente em separado, até onde eu sei) e derrubaram o memorial do confederado na sua cidade.

VENDO O MONUMENTO INVISÍVEL

A estátua de Charlottesville em questão é um monumento equestre, de 1924, para Robert E. Lee⁴, projetado por Henry Merwin Shrady e finalizado por Leo Lentelli. Shrady, um nova-iorquino, projetou o memorial Ulysses S. Grant⁵ em Washington D.C., bem como a estátua de George Washington no Grand Army Plaza, no Brooklyn. No pedido de 1996 para colocar a estátua no Registro Nacional de Locais Históricos, não foi feita qualquer reivindicação histórica relativa à Guerra Civil. Em vez disso, a obra foi considerada um “importante objeto de arte que exhibe o estilo figurativo da escultura ao ar livre produzida por membros da Sociedade Nacional de Escultura”. O que quer dizer que não é tão importante, na verdade, como escultura. Tem pouco valor histórico porque não foi feita no período em

³ Heather Heyer foi a única morta em manifestação contra a supremacia branca em Charlottesville, cidade localizada na Virgínia (EUA). Ela era uma ativista branca de 32 anos e participava dos protestos contra a supremacia branca quando foi atropelada deliberadamente por um carro dirigido por um homem branco. [N. T.]

⁴ Robert Edward Lee (1807-1870) foi oficial militar de carreira norte-americano, conhecido por ter comandado o Exército da Virgínia do Norte durante a Guerra Civil Americana (1861-1865) e pela atuação na Guerra Mexicano-Americana (1846-1848), primeiro grande conflito impulsionado pela doutrina do “Destino Manifesto” (a crença de que os Estados Unidos tinham o direito “divino” de expandir suas fronteiras por toda a América). Lee permanece reconhecido como uma das grandes referências na história estadunidense: além de popular no Norte, tornou-se um ícone da “causa perdida da Confederação” no Sul do país. [N. T.]

⁵ Mirzoeff faz menção a dois presidentes dos Estados Unidos: Ulysses Grant (1822-1885) e George Washington (1732-1799). [N. T.]

que seu tema estava vivo. Como obra de arte, é secundária e está em mau estado de conservação. Trabalhos melhores e mais expressivos de Shradly permanecem em pé.

A estátua foi inaugurada em 1924, após três anos de organização pela Ku Klux Klan local. A cerimônia foi estruturada e contou com a participação “dos Veteranos Confederados, Filhos dos Veteranos Confederados e das Filhas Unidas da Confederação”. A bisneta de Lee puxou uma bandeira confederada para revelar a escultura. E, então, a escultura começou o seu trabalho como parte das operações invisíveis de fabricação e de imposição do consentimento: o que Frantz Fanon chamou de “a estética do respeito pela ordem estabelecida”. A cerimônia militar é fundamental para essa estética, tal como esses monumentos geralmente “invisíveis”, um testemunho da naturalização da supremacia branca.

A BRANQUITUDE DAS ESTÁTUAS⁶

Consideremos a estátua em si. Formalmente, a escultura evoca o imperador romano Marco Aurélio, cujo livro *Meditações* foi um dos livros que Lee levou consigo para a guerra – a edição americana de 1895 foi dedicada a Lee pelo tradutor inglês. O secretário de Defesa de Donald Trump, [James] Mattis, também carregava o livro consigo. O nacionalismo branco se considera a personificação do legado de Roma; o violento polemista Richard Spencer chegou a imaginar o regime de Trump como um novo Império Romano.

Como tantas vezes, há também aqui um teor racista, que se tornou visível no filme *Django Livre* – a suposta improbabilidade de um afro-americano andar a cavalo. A estátua também pretende ser um retrato do cavalo de Lee, Viajante⁷: ela marca o domínio da branquitude tanto sobre as raças inferiores quanto sobre os “brutos” não humanos.

Além do nome de Lee, a estátua não contém informações contextualizadas ou históricas. O conteúdo da estátua como obra de arte é assim expresso através da sua forma. É, para usar a semiótica americana de Charles Sanders Peirce, apenas vagamente indexical porque foi feito a partir de ilustrações e fotografias. Embora Lee possa ser uma figura-chave no imaginário confederado, a escultura não é icônica no sentido estrito de que

⁶ O termo Branquitude (*whiteness*) se refere a um pacto não verbalizado de preservação do poder e dos privilégios de sujeitos brancos, ou seja, um modo de segregação racial e legitimação das iniquidades sociais. Trata-se, portanto, de um lugar estrutural através do qual o sujeito branco vê os outros a partir de uma posição de poder. A esse respeito, ver, por exemplo, o livro de Cida Bento, *O pacto da branquitude* (2022). [N. T.]

⁷ Do original, *Traveller*.

compartilha qualidades específicas com Lee. É fortemente simbólico: não de Lee como pessoa, mas da supremacia branca como um conceito glorificado⁸.

Essa branquitude é ao mesmo tempo esmagadoramente visível e não imediatamente óbvia. As estátuas têm sido usadas na história natural poligênica há dois séculos. Nesta visão, agora desacreditada, existem múltiplas espécies de humanos que existem lado a lado numa hierarquia classificada. No topo, conforme ilustrado pela *História Natural do Homem* (1801), de Julien-Joseph Virey⁹, havia esculturas gregas, representando a branquitude.

Essa ideia foi amplamente divulgada nos Estados Unidos e amplamente utilizada em posições pró-escravidão. No passado, eu zombei disso, apontando que nenhuma branquitude existente pode ser encontrada, apenas estátuas. Mas agora vejo isso de forma diferente. Estátuas de influência clássica podem ser encontradas em todo o mundo Atlântico e formam uma rede material de branquitude como parte da sua infraestrutura fundamental. A branquitude não adere a nenhum aspecto particular destas esculturas, mas sim a toda a forma monumental¹⁰.

No caso de Lee, houve um debate sobre se a base da escultura era suficientemente grande. Na inauguração, um palestrante concordou, mas disse: “Deixe ficar assim. O planeta como pedestal seria pequeno demais para Robert Edward Lee.”

“A branquitude”, disse Du Bois¹¹ em 1926, “é propriedade da terra para todo o sempre, amém”.

“Estátuas de influência clássica podem ser encontradas em todo o mundo atlântico e formam uma rede material de branquitude como parte de sua infraestrutura fundamental. A branquitude não adere a nenhum aspecto particular destas esculturas, mas a toda a forma monumental.”

⁸ Com isso, Mirzoeff quer sinalizar que no monumento em questão prevalece a dimensão abstrata e simbólica de ideais supremacistas (o que, podemos supor, contribui para sua apropriação contemporânea pela extrema-direita). Os símbolos se referem a um objeto denotado por associação de ideias produzidas por uma convenção. No índice se estabelece uma relação de semelhança ou proximidade com o referente, enquanto representações icônicas remetem à semelhança física com a ideia que representa. [N. T.]

⁹ Julien-Joseph Virey (1775-1846), naturalista e médico francês que contribuiu para a fundamentação da teoria da poligenia. [N. T.]

¹⁰ Como lembra o próprio Mirzoeff em outro ensaio, a branquitude não é uma forma monolítica, pois se encontra fraturada e fragmentada, sendo necessário agir sobre essas rachaduras. Ver, a esse respeito, Mirzoeff (2021). [N. T.]

¹¹ William E. B. Du Bois (1868-1963), sociólogo e ativista afro-americano, é considerado um dos fundadores do pan-africanismo, movimento político e cultural que lutou pela independência dos países africanos do jugo colonial. Não foi possível localizar a referência feita por Mirzoeff. [N. T.]

Figura 2 – Estátua equestre de Theodore Roosevelt (1939), de James Earle Fraser



Fonte: Foto de Nicholas Mirzoeff (2021)

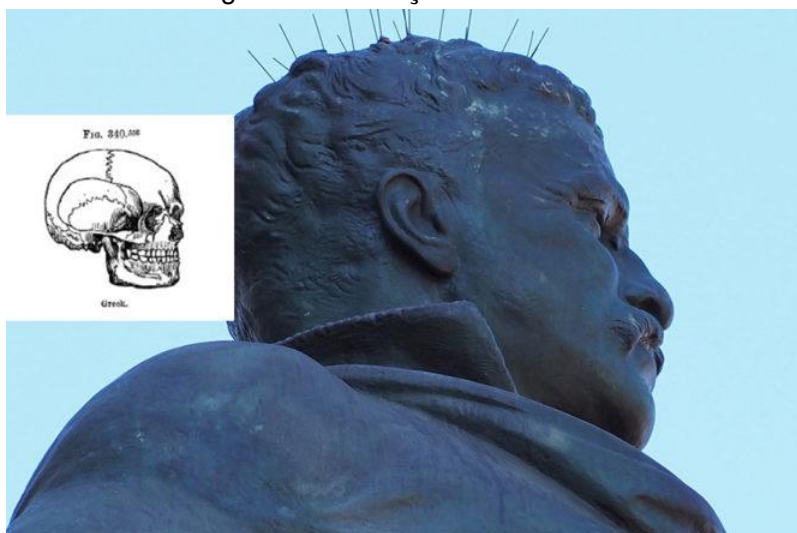
Notas: Estátua equestre de Theodore Roosevelt (1939), de James Earle Fraser, em frente ao Museu Americano de História Natural, na cidade de Nova Iorque. A estátua de 14 pés [cerca de 4,2 metros] mostra o presidente Roosevelt montado em um cavalo, um notável caçador e conservacionista da natureza, elevando-se e flanqueado por um homem negro escravizado de um lado e um nativo americano do outro. Em junho de 2021, a Comissão de Design Público da Cidade de Nova Iorque votou unanimemente pela sua remoção.

*

Foi depois do assassinato de Trayvon Martin em 2012 que a população local começou a fazer perguntas sobre a estátua, fazendo com que a sua base fosse marcada com *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam), em 2015. No início deste ano, o jovem vice-prefeito afro-americano Wes Bellamy liderou um movimento para remover a estátua, apesar de uma persistente campanha de assédio liderada por Justin Kessler, um dos organizadores da mortal manifestação *Unite the Right* (Unir a Direita), em agosto de 2017.

A resistência tem sido persistente: primeiro, legal e agora, violenta. A estátua está fazendo um novo trabalho. A administração Trump é dominada por nacionalistas brancos (Bannon, Miller, Sessions) e generais (Kelly, Mattis, McMaster). Monumentos como o de Lee naturalizam a ligação entre os movimentos de extrema direita e o Estado, entre a supremacia branca e a guerra (ou luta interna). Esta articulação atingiu um novo grau de tensão na conjuntura improvável do flerte de Trump com a guerra com a Coreia do Norte e o assassinato de Heather Heyer. A todo custo, não pode ser naturalizada.

Figura 3 – Cabeça de Roosevelt



Fonte: Foto de Nicholas Mirzoeff (2021)

Notas: A cabeça de Roosevelt da estátua equestre montada com o desenho de um crânio “grego” do proprietário de escravos e frenologista Josiah Nott, conforme imaginado na estátua romana, Apolo Belvedere.

Figura 4 – Caricaturas



Fonte: Cortesia de Nicholas Mirzoeff (2021)

Notas: No desenho original, a imagem central é a caricatura de um homem africano. Foi deliberadamente apagada pelo autor, devido a uma perturbadora tática de revisão visual.

SUBSTITUA-NOS

Há muito mais em jogo aqui do que a classificação de uma escultura de segunda categoria.

Na minha primeira visita a Berlim, há alguns anos, fui visitar o Palácio do *Reichstag*¹². Sou descendente de judeus e por isso fiquei surpreso ao ver a inscrição racializada *Dem Deutschen Volke* (“O Povo Alemão”, onde “*Volk*” é uma palavra especialmente carregada e fortemente racializada, especialmente após o domínio nazista) ainda em vigor. Isso me deu uma ideia do que uma pessoa negra pode sentir quando confrontada com uma estátua como a de Lee. Na hora, pensei comigo mesmo: “Ainda estamos aqui, você perdeu”. Na sexta-feira, os supremacistas brancos da Universidade da Virgínia gritaram, como se em resposta: “Os judeus não nos substituirão”.

O *slogan* foi cunhado pelo *site* fascista *The Daily Stormer*, que traduz o título da folha de propaganda nazista *Der Stürmer*. Nos cantos, “você” e “judeu” eram intercambiáveis, assim como “nós” [*us*] também representa os EUA. A substituição da estátua por “você” (afro-americanos racialmente inferiores, judeus e outros) foi entendida como um desafio a ser respondido através da força.

#TodosOsMonumentosDevemCair

E se os antifascistas encarassem “substituir-nos” como um desafio? Não “substituir os brancos”, mas as estátuas. É hora de dizer “todos os monumentos devem cair” devido ao modo pelo qual sua forma sustenta a supremacia branca, e não apenas os objetos individuais. Embora algumas pessoas não consigam participar nas contestações nas ruas, muitos acadêmicos, artistas e ativistas conhecem tais monumentos nas suas cidades e *campi*. É hora de agir contra eles como classe – eles são violentos e perigosos.

Colocá-los em museus não é uma solução por si só. Os mármore de Elgin¹³ são o epítome da branquitude clássica e do poder colonial. Nenhum governo britânico imaginou

¹² Sede do parlamento alemão inaugurado em 1894, em estilo neorrenascentista. O *Reichstag* é associado a diversos momentos importantes da história da Alemanha, como a promoção de república (1918). Em 1933, quatro semanas após Adolf Hitler ter sido nomeado chanceler, o prédio pega fogo sob circunstâncias misteriosas, o que serviu como pretexto para a perseguição de judeus. [N. T.]

¹³ Referência aos Mármore de Elgin, uma grande coleção de esculturas e outros objetos em mármore (cerca de 80 ao todo) levadas da Grécia para a Grã-Bretanha em 1806 por Thomas Bruce, Lord Elgin, na época embaixador junto ao império Otomano. Autoridades gregas tentam há anos recuperar estas obras. [N. T.]

devolvê-los ao museu vazio que os espera em Atenas. Fazer isso significaria finalmente acabar com o imaginário colonial no Reino Unido, ou pelo menos admitir que era hora de o fazer. Teria de haver uma nova forma de exibir estes imensos objetos nos circuitos de poder, conhecimento e estética que sustentasse a ordem estabelecida da supremacia branca, sem permitir acidentalmente que as estátuas continuassem a fazer esse trabalho.

Na Alemanha, não me lembro de ter visto quaisquer estátuas de generais ou políticos da era nazista. Houve uma pequena reabilitação do escultor nazista Arno Breker na década de 2000 e, desde então, sites neonazistas dos EUA publicaram extensas galerias de seu trabalho, incluindo um busto de retrato de Adolf Hitler. Em outras palavras, essas coisas são difíceis de conter. Qualquer ação desse tipo seria uma expansão e extensão do movimento “Fallista”, na África do Sul, que começou com a remoção da estátua de Cecil Rhodes¹⁴ da Universidade da Cidade do Cabo e se expandiu para lutar contra o governo pelos aumentos propostos nas mensalidades como *#FeesMustFall* (*#MensalidadesDevemCair*). Agora a agenda é descolonizar o currículo.

Ao seguir o exemplo sul-africano, aqueles de nós que são identificados como brancos e/ou como intelectuais precisam de prestar atenção a um aviso. No final do desafiador filme *Metalepsis in Black* (“Metalepse em Preto”) de 2016, sobre o movimento *#FeesMustFall*, uma estudante e oradora negra sul-africana critica severamente acadêmicos e intelectuais que escrevem sobre o movimento, mas não participam. Ela diz: “Já não basta escrever... É hora de tomar medidas mais ousadas... Não precisamos da sua simpatia, precisamos de ação, ação real.”

¹⁴ Menção a Cecil Rhodes, colonizador e empresário britânico (1853-1902), um dos principais exploradores de minérios na África no século XIX. Como líder da Companhia Britânica da África do Sul, fundou o território da Rodésia (atualmente Zimbábue e Zâmbia), que recebeu este nome em sua homenagem em 1895. “Rhodes Deve Cair” se refere ao protesto ocorrido em março de 2015, dirigido contra uma estátua de Rhodes instalada na Universidade da Cidade do Cabo. A campanha para a remoção da estátua levou a um movimento mais amplo para “descolonizar” a educação escolar e universitária em toda a África do Sul. Em abril de 2015, a estátua foi removida. [N. T.]

Figura 5 – O friso do *Reichstag* alemão



Fonte: Foto de Soluvo (2012)

Notas: O friso do *Reichstag* alemão; a inscrição está acima da entrada do edifício.

“Quando as estátuas caem, abre-se o caminho para que as infraestruturas materiais da hierarquia racial sejam repensadas...”

ESTÁTUAS ESTÃO CAINDO

Os ativistas de Durham atenderam a esse apelo, embora não o tenham ouvido diretamente. Quando existem movimentos sociais, eles criam um contrapoder que tem o seu próprio “senso comum”. Em Durham, isso levou à ação direta. Até agora, ninguém parece inclinado a criminalizá-lo. Em Lexington, Kentucky, o prefeito determinou que os memoriais confederados fossem transferidos para um local onde possam ser reaproveitados. Que haja diversidade de táticas, mas reconheça que foi a ação direta que criou a possibilidade dessa diversidade.

A estátua derrubada em Durham também foi inaugurada em 1924, numa época de “crescimento sem precedentes” da Ku Klux Klan no estado. Suspeito que o ressurgimento nacional da Klan, na década de 1920, desencadeou uma onda de tais memoriais. Enquanto a estátua de Charlottesville tinha alguma reivindicação de mérito artístico secundário, a de Durham é muito mais interessante agora que está caída do que quando esteve em seu pedestal.

Assim que a estátua caiu, alguns elementos da esquerda branca começaram a condenar a ação. Mais uma vez: o movimento que propõe a derrubada de estátuas não apaga a história, revela-a. Neste caso, aprendemos que o ativismo da Ku Klux Klan criou e se envolveu ativamente nos memoriais confederados da década de 1920, que eu pelo menos não conhecia antes. Se estas estátuas não são “apenas” em defesa da supremacia branca, mas sim em apoio ativo a Klan, ainda há motivos para que devam permanecer de pé? O trabalho que temos pela frente não se limita de forma alguma à antiga Confederação.

Há um memorial a Lee na Avenida General Lee, em Fort Hamilton, uma instalação militar no sudoeste do Brooklyn, em Nova Iorque. O Exército sempre se recusou a mudar o nome, mas funcionários da Diocese Episcopal de Long Island removeram a placa do memorial logo após o comício em Charlottesville.

Haverá retaliações, como houve na África do Sul, por parte de nacionalistas brancos, como o ataque ao memorial do Holocausto em Boston. Já estamos vendo a chamada direita republicana “respeitável” tentando cauterizar a sua ligação com o nacionalismo branco. Em parte, querem isolar e minar Trump; e em parte, eles sabem que estar do lado dos nazistas e dos vândalos memoriais do Holocausto não é aceitável, mesmo para os brancos que apoiam o apito canino¹⁵ antinegitude.

Quando as estátuas caem, abre-se o caminho para que as infraestruturas materiais da hierarquia racial sejam repensadas, como vimos na África do Sul. *Rhodes Must Fall* se tornou *Fees Must Fall*, que se tornou *Decolonize*. Aqui, as questões das reparações, da abolição do encarceramento em massa e do respeito pelos tratados com as nações indígenas são claras e aparentemente longe de serem alcançáveis. Mas quando olhei para a fotografia de três jovens manifestantes negros em Durham fazendo saudações do *Black Power* ao lado da estátua caída dos Confederados, de repente eles pareceram um pouco mais próximos.

Nicholas Mirzoeff é ativista visual e professor do Departamento de Mídia, Cultura e Comunicação da Universidade de Nova York, e trabalha na intersecção entre política, raça e cultura global/visual. Desde os eventos de 2017, em Charlottesville, ele é ativo no movimento para derrubar estátuas que comemoram o colonialismo ou a supremacia

¹⁵ “Dog whistle”, ou “apito de cachorro”, é uma tática utilizada pela extrema direita para se comunicar com seus apoiadores, reforçando ideias racistas, preconceituosas e xenófobas de modo que apenas o próprio grupo possa compreender a mensagem. [N. T.]

branca, tendo convocado o programa colaborativo de 2017, *All The Monuments Must Fall*, totalmente revisado após os protestos de 2020.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MIRZOEFF, Nicholas. All the monuments must fall #charlottesville. **The Funambulist**, 2021. Disponível em: <https://thefunambulist.net/magazine/against-genocide/all-the-monuments-must-fall-charlottesville>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MIRZOEFF, Nicholas. Of slingshots, statues and shacks. Coloniality and the infrastructures of whiteness. **Studi Culturali**, [S.L.], n. 2, p. 181-200, 2021.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

TODOS OS MONUMENTOS DEVEM CAIR #CHARLLOTSVILLE, POR NICHOLAS MIRZOEFF

Ricardo Pinheiro de Almeida

Mestre em Língua Portuguesa (UERJ)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Brasil
ricardo.pinheiro.almeida@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0002-5347-4547>

Leopoldo Guilherme Pio

Doutor em Ciências Sociais (UERJ/PPCIS)

Professor Adjunto

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, Brasil
leopoldo.pio@unirio.br

● <https://orcid.org/0000-0002-6778-4992>

Endereço de correspondência do principal autor

Rua Visconde de Cairu, 154/301, 20270-050, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Tradução técnica, notas explicativas: R. P. de Almeida

Revisão, notas explicativas e aprovação: L. G. Pio

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

